

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

HUDSON FLANCLEBER PORTELA CARDOSO

O SACRIFÍCIO, A SALVAÇÃO EM CRISTO E O VERDADEIRO CULTO
NA CONCEPÇÃO AGOSTINIANA

ANÁPOLIS – GO
2023

HUDSON FLANCLEBER PORTELA CARDOSO

O SACRIFÍCIO, A SALVAÇÃO EM CRISTO E O VERDADEIRO CULTO
NA CONCEPÇÃO AGOSTINIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Pe. Me. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

ANÁPOLIS – GO

2023

DEDICO

A todas as pessoas de boa vontade que, na sinceridade de coração e atitudes, buscam uma autêntica relação com Deus e viver a prática cristã no dia a dia de forma virtuosa e heróica, sobretudo aos em situação de perseguição.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o ser por excelência, origem de todo bem e toda verdade. À Nossa Senhora, Sede da Sabedoria.

Aos meus pais e familiares, por me ensinarem na simplicidade da vida o valor das coisas divinas.

Aos meus amigos, que na dinâmica da vida me ajudaram a perceber o cuidado de Deus.

À Congregação da Missão, por me ensinar a viver a teologia na prática da vida e por me ajudar a compreender e amar o Cristo, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, encontrando-O sobretudo nos mais pobres.

À Faculdade Católica de Anápolis, professores e funcionários, por todo empenho e sabedoria no ensino teológico e no cuidado para com seus formandos.

Enfim, a todos os que direta ou indiretamente me apoiaram e rezaram por mim, aos quais peço que Deus abençoe abundantemente.

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13).

“Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não o sacrifício” (Mt 9, 13a).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CD	Cidade de Deus
Cf.	Conferir
Com.	Comentário
Confiss.	Confissões
Ep.	Epístola
Ev.	Evangelho
id.	mesmo autor/ igual
ibid.	mesma obra, capítulo ou página
q.	Questão
RF	Réplica a Fausto, El Maniqueo
S.J.	São João
Trin.	A Trindade (<i>De Trinitate</i>)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O SACRIFÍCIO	10
2.1	O SACRIFÍCIO ANTIGO: FIGURA DO NOVO	10
2.2	O SACRIFÍCIO NOVO: ÚNICO CAPAZ DE VENCER A MORTE.....	11
2.3	O SACRIFÍCIO DO HOMEM AGRADÁVEL A DEUS	13
3	A SALVAÇÃO EM CRISTO	15
3.1	DISTANTE DE DEUS, O HOMEM NECESSITA DE UM MEDIADOR	15
3.2	CRISTO MEDIADOR, CRISTO SALVADOR.....	16
3.3	A PARTICIPAÇÃO DO HOMEM NA SALVAÇÃO	18
4	O VERDADEIRO CULTO	20
4.1	FALSOS CULTOS: ADORAR À CRIATURA MAIS QUE AO CRIADOR.....	20
4.2	O CULTO VERDADEIRO	21
4.3	O CULTO DO HOMEM: GLORiar-SE NO SENHOR.....	23
	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Santo Agostinho foi sem dúvida um dos maiores teólogos e filósofos de todos os tempos, contribuindo em muito para o que se seguiria após sua vida. Entre as suas principais obras se encontra *A Cidade de Deus*, apologia cristã e um estudo filosófico da história. Citada por ser obra referência, mas, sobretudo para dizer que não será a única utilizada.

A temática proposta, em virtude da expansão que lhe tange, é tomada sobre algumas perspectivas, não sendo objetivo deste trabalho esgotar o que o Bispo de Hipona tratou sobre tais aspectos.

O tema focal com os elementos “sacrifício”, “salvação em Cristo” e “verdadeiro culto”, está dividido em três principais capítulos, cada qual tendo uma parte como referência central. Divisão que não procura distanciar os elementos, mas relacioná-los à medida do que é viável.

Em um primeiro momento o foco será o sacrifício, observado tanto na Antiga Lei, quanto realizado de um modo particular no Novo Testamento. O Antigo sacrifício não é o sacrifício pagão, mas também não opera o que só o Novo é capaz: a libertação da morte eterna, realizada por Cristo. O homem é convidado a participar do mesmo sacrifício, não simplesmente por via externa, mas principalmente pelo sacrifício do coração.

O fim do sacrifício de Cristo não é outro que não a salvação do pecado e da morte, onde segue o segundo capítulo que se volta especificamente para o elemento da salvação. O homem necessitava de um salvador tal que fosse capaz de mediar à natureza humana a relação com Deus, do qual somente Cristo foi eficaz de realizar.

Por sua salvação mostrou à humanidade a passagem do homem velho ao homem novo, que não é feito sem luta, pois a criatura pode ainda deixar-se enganar pela soberba e pelo maligno.

Tanto os espíritos malignos quanto a presunção são capazes de desviar o coração do homem do verdadeiro elevar-se a Deus. Com isso, o último capítulo se volta a este desvio do verdadeiro culto a Deus, bem como complementa com aquele que é o culto digno de ser dado ao Senhor e como este culto pode ser realizado pelo homem.

2 O SACRIFÍCIO

Ao versar sobre o tema do sacrifício em Agostinho, é considerável mencionar num primeiro momento a respeito da presença dos sacrifícios no Antigo Testamento com apenas algumas indicações, e verificar que sinalizavam outro sacrifício, capaz de curar o homem daquilo que os anteriores apenas advertiam. Este Novo Sacrifício foi realizado por Cristo, que conjuga em sua pessoa tudo o que é necessário para que seja verdadeiro. Junto ao Seu, convida também os homens a serem ofertas agradáveis pelo sacrifício de si.

2.1 O SACRIFÍCIO ANTIGO: FIGURA DO NOVO

Sobre a presença do sacrifício, altar, sacerdote e templo no antigo testamento, houve quem tenha colocado em questão o fato de os judeus, mantendo-os, terem se afastado dos pagãos somente no abandono dos ídolos, visto que eram elementos também presentes em seus ritos.

Porém, santo Agostinho em sua obra *Réplica a Fausto, o Maniqueu*, expõe o fato de que mesmo sem tais ídolos poderiam oferecer sacrifícios a outros seres como o sol, estrelas ou à natureza mesma, que demonstraria servir à criatura mais do que ao Criador, caindo no erro pagão da superstição¹.

Agostinho prossegue explicando como os espíritos ímpios não se alimentam propriamente dos sacrifícios, mas dos erros dos homens, com o prazer de enganá-los por meio da vanglória simulada. Os antigos pais, todavia, não só repudiaram os ídolos gentios, como ofereceram os sacrifícios ao único Deus Criador, que não repudia tais posturas, mas faz, por meio destas vítimas, uma relação com aquela que seria a verdadeira vítima de reconciliação pela remissão dos pecados.

Ainda sobre os mesmos sacrifícios passados, agora na sua *Epístola 102*², corrobora referindo-os como simbólicos, dos quais, levando a examinar e lembrar as realidades que representam, indica-os, como sombras e figuras do que viria futuramente³. Concorda a *Cidade de Deus*, quando os indica como diferentes sinais

¹ RF, 20, 22

² Ep. 102, q. III, 17

³ Col 2,17

de um sacrifício verdadeiro que se daria⁴. Nesta última obra também apresenta os sacrifícios de Abel e Caim⁵ como evidência de quão antigos são estes atos. Em tudo isso se entende que a antiga lei ainda carecia de algo previsto nos desígnios de Deus, que parecia não se contentar com o castigo dos primeiros pais desde seu início.

Sobre estas representações no Antigo Testamento, o oferecimento das vítimas se dava principalmente pelos pecados. Assim sendo, o sacerdote, supondo como o mais justo, oferecia por primeiro pelos próprios, para posteriormente oferecer pelos pecados do povo.

Havia ainda a indicação para as vítimas, as quais deveriam ser imaculadas e sem defeito⁶, do qual Agostinho aponta significar os homens santos, imune de todo pecado, mas que assim só tenha existido Cristo⁷.

Voltando a respeito do sacerdote, parte ofertante do sacrifício, o Santo Doutor utiliza do anúncio do castigo predito a Eli no primeiro livro de Samuel⁸, do qual trata do desaparecimento do sacerdócio de Aarão, já apontando aquela que seria não uma reforma imediata, mas vindoura no Novo Testamento: “Tal acontecimento foi figura, como que envolta em sombra, da mudança que por intermédio de Jesus Cristo se operaria mais tarde. A profecia, em sentido próprio, pertence ao Antigo Testamento e, em sentido figurado, ao Novo”⁹.

Daí que quando se diz nas palavras bíblicas de Samuel da procura por um sacerdote que seja fiel e segundo os desejos e pensamentos de Deus, faz-se referência ao Cristo, sacerdote do Novo Sacrifício. Este sacerdote é capaz não só de representar, mas propriamente por sua força realizar aquilo que significa.

2.2 O SACRIFÍCIO NOVO: ÚNICO CAPAZ DE VENCER A MORTE

Para bem entender, vale trazer que com o pecado de Adão a morte se tornara castigo dos pecados, o que fará sentido, como mencionado, às oferendas primordialmente pelos mesmos. Fora dito que os sacrifícios antigos eram em sua

⁴ CD (I), X, XX, p. 508

⁵ Gn 4,1-16

⁶ Ex 12,5; LC 1,3.10; 3,1

⁷ CD (II), XX, XXVI, p. 559

⁸ 1Sm 2,27-36

⁹ CD (II), XVII, V, p. 340

diversidade sinais daquele que seria o genuíno sacrifício, eram como sombras das coisas futuras: seu sangue representava o sangue redentor. Este último foi identificado no Novo Testamento em Cristo: mediador, quando toma a forma de escravo, autor do supremo e verdadeiro sacrifício.

Enquanto Deus, este mediador recebe junto com o Pai o sacrifício, enquanto escravo escolheu não receber, mas fazer-se sacrifício; de modo a ser “Ele o sacerdote, Ele o ofertante e Ele a oblação”¹⁰, unindo em si todas as realidades envoltas à oferta. Corroborava o santo doutor:

Para se retirar o muro que separa o pecado, veio o mediador, e o próprio Sacerdote fez-se sacrifício, (...) oferecendo-se em holocausto na cruz da sua paixão. Veio na carne, na semelhança da carne do pecado (Cf. Rm 8,3), mas não veio na carne do pecado, pois não tinha pecado absolutamente nenhum. Fez-se verdadeiro sacrifício pelo pecado, porque não tinha pecado.¹¹

De fato, isto responde distintamente às disposições do verdadeiro sacrifício. Deve ser ofertado por um sacerdote santo e justo; como Filho de Deus é o sacerdote mais justo e santo. A oferenda precisa ser em prol daqueles por quem ela é oferecida; utiliza da vítima mais digna para proveito do homem que é a própria carne humana. Assim como deve ser pura, adequada para a purificação dos pecadores; sua carne nascida de um útero virginal sem qualquer contato com a concupiscência carnal é o que há de mais puro para a purificação dos pecadores.

Portanto, a Nova oferta sacrificial de Cristo não é castigo do pecado, pois não o tinha, mas um ato de misericórdia, para não permitir que domine o mal sobre o homem: “O vínculo do pecado não vos dominará eternamente, porque a morte temporal do vosso Senhor matou a vossa morte eterna. Esta é a graça, meus irmãos, esta é a verdade prometida e dispensada”¹². Reforçando, nestes termos, a novidade e perfeição do novo sacrifício em vista do antigo.

Não era uma graça presente no Antigo Testamento, logo que a lei e os sacrifícios advertiam, ordenava e indicava a enfermidade, mas não a curava, apenas preparava a vinda daquele que seria capaz de destruir propriamente a doença presente na humanidade.

¹⁰ CD (I), X, XX, p. 508

¹¹ Com. Ev. S.J. (Vol. III), XLI, 5, p. 146

¹² Com. Ev. S.J. (Vol. I), III, 13, p. 71

Este sacramento, este sacrifício, este sacerdote, este Deus, antes de ser enviado e nascer de mulher, foi prefigurado em todas as coisas que aparecem de modo sagrado e místico a nossos pais, por meio de anjos ou por meio dos portentos que os mesmos fizeram, a fim de que toda criatura se tornasse imagem de certo modo com suas obras, daquele que haveria de vir e seria a salvação de todos, pelo resgate do poder da morte¹³.

Junto ao seu sacrifício, convida a criatura a participar em si da amargura do remédio capaz de matar a doença do pecado. “Vem o Senhor, cura-o com medicamentos amargos e enérgicos, e diz ao doente: Suporta, tolera, não ames o mundo, tem paciência, cura-te com o fogo da continência, suporta nas tuas feridas o ferro das perseguições”¹⁴. Sofrendo e se sacrificando primeiramente, como quem indicasse que faria pelo homem o sacrifício que este receia sofrer, para consolo e convite a participar da mesma oferta.

2.3 O SACRIFÍCIO DO HOMEM AGRADÁVEL A DEUS

Ao falar sobre o tema do sacrifício, pergunta-se sobre a necessidade, por parte de Deus, para com as coisas oferecidas, a que o bispo de Hipona, sem muita delonga, afirma que Ele não necessita de nada corruptível e terreno¹⁵.

Tudo o que o homem oferece a Deus é na realidade proveitoso para o próprio homem e não para o Senhor. Por exemplo, as próprias vítimas animais dos antigos significa para o homem a intenção da união a Deus.

Entende-se com isso, que há um valor interior que dá sentido ao gesto exterior. Desse modo, o sacrifício visível é, na verdade, sinal de um invisível. Isto explica quando nos salmos o penitente diz querer Deus não o sacrifício e holocausto, mas o coração e espírito contrito como oferta agradável ao Senhor¹⁶.

Quando se diz o que não quer, acrescenta-se o que Ele quer, e não se reduz ao animal morto, não é daí que tira Sua alegria, mas sinaliza por estes na Lei antiga o coração contrito e humilhado pela penitência. É por isso que ao olhar o homem penitente diz outra passagem: “quero a misericórdia antes que o sacrifício”¹⁷, que demonstra a preferência de Deus pelo sacrifício do coração.

¹³ Trin., IV, 7, p. 160

¹⁴ Com. Ev. S.J. (Vol. I), III, 14, p. 71

¹⁵ CD (I) X, V, p. 482

¹⁶ Sl 51,18-19

¹⁷ Cf. Os 6,6

Na *Cidade de Deus*¹⁸ o doutor continua expressando o quanto tais sacrifícios são verdadeiros à medida que trazem consigo o amor a Deus, e assim são capazes de nos unir a Ele. Este mesmo amor é capaz de mover o homem a se tornar ele mesmo sacrifício, quando morre para o mundo, e vive para Deus, como Agostinho diz é a “misericórdia que cada qual pratica para consigo mesmo”¹⁹.

Como o homem é substancialmente composto de alma e corpo, o amor que leva ao sacrifício é também expresso em sua matéria. Por isso, a mortificação por meio da virtude da temperança, não permitindo espaço para o pecado em seus membros como perversidade, faz do corpo também sacrifício.

Este caráter é reforçado por Paulo quando exorta que o nosso corpo seja oferecido como hóstia viva, santa e agradável a Deus²⁰. Tamanho valor tem a oferta do corpo, o santo de Hipona reforça quanto mais a nossa alma:

Portanto, escravo ou instrumento da alma, o corpo se legítimo e bom uso o relaciona com Deus, é sacrifício. Quando mais a própria alma, quando se oferece a Ele, abrasada no fogo de seu amor, e, despojando-se da concupiscência do século, para reformar-se de acordo com o modelo imutável, lhe oferece a infinita beleza de seus próprios dons.²¹

Tudo que fora mencionado não tem outra intenção se não fazer dos homens livres da miséria do pecado e da distância de Deus, aproximando assim do bem que é permanecer junto ao Senhor. O mesmo que na forma de escravo também se ofereceu a si pelos pecadores, sendo mediador, sacerdote e sacrifício, como já outrora indicado.

Devido o desvio de Deus e desordem derivada da perversão, torna-se necessário este ato sacrificial do Altíssimo, para que os homens “mortos na alma pelos muitos pecados e destinados a morrer na carne por causa do pecado, amassem o Único, morto por eles na carne sem ter pecado”²², e somente por tal sacrifício, poderiam ser justificados e salvos. Salvação esta melhor exposta no tópico a seguir.

¹⁸ CD (I), X, VI, p. 484

¹⁹ Ibid.

²⁰ Rm 12,1

²¹ CD (I), X, VI, p. 485

²² Trin., IV, 7, p. 161

3 A SALVAÇÃO EM CRISTO

Como visto, o homem, marcado pelo castigo do pecado, precisava ser salvo deste mal por meio de um sacrifício expiatório. Cabe agora discorrer a este respeito, que significa dizer que o homem tem necessidade de um meio de salvação, que por própria natureza medianeira, deveria se aproximar da humanidade sem perder a divindade. Única mediação capaz de salvar o homem da morte.

3.1 DISTANTE DE DEUS, O HOMEM NECESSITA DE UM MEDIADOR

Como já mencionado ao final do capítulo anterior, o sacrifício do Senhor foi preciso, visto que o homem padece, por consequência de sua queda, da origem e propagação da morte; do qual é incapaz por si só de destruir. Mas Deus não tem prazer na morte de qualquer que seja, no entanto, espera que se converta para que viva²³. Determinada conversão e vida não é outra coisa senão aproximar-se da realidade divina onde, porém, não há qualquer relação entre a sua pureza imortal e a pequenez ímpia deste mundo; distância que torna imprescindível alguma mediação para qualquer elo.

Ocorre então que o mediador, permanecendo divino, se aproximasse de algum modo da realidade humana. Por este motivo, unindo-se à morte do corpo, obrigar-se-ia continuar Senhor e Deus. Cumprindo assim o próprio da conciliação entre as realidades, concedendo verdadeiro auxílio divino para que fôssemos salvos.

Torna-se necessário mediador que, unindo-se à nossa baixeza pela mortalidade do corpo, pela imortal justiça do espírito permaneça na glória da divindade, na altura que não é distância, mas inalterável conformidade com o Pai, mediador enfim que possa prestar socorro verdadeiramente divino à obra de nossa purificação e libertação²⁴.

Algo que importa concluir diante disso é que o homem não pode permitir-se cair no erro de entender sua corporeidade como prejuízo ao contato com o divino, como se a carne fosse má. Deus, ao encarnar-se demonstra que a carne não pode em si mesma corromper a conformidade com o divino, pois, se fosse este o mal de

²³ Cf. Ez 18,32

²⁴ CD (I), IX, XVII, p. 464

tal vínculo os demônios poderiam ser. No entanto, compreendida a malícia desses pecados, denominados capitais, identifica-se que não são meros pecadinhos. O pecado capital não designa um ato grave, voluntário e consciente de desobediência a Deus. Antes, como vimos, designa uma tendência que provém do pecado e que conduz para o pecado. Chamam-se capitais, porque são pecados que geram pecados e que preparam a alma ao pecado mortal.

3.2 CRISTO MEDIADOR, CRISTO SALVADOR

Levando em conta o que fora pontuado até então, não é difícil consentir com o Santo de referência quando concorda com a premissa de que os homens, enquanto sujeitos à morte, são inevitavelmente infelizes²⁵. O mediador precisaria ser este, que conduzisse da mortalidade à imortalidade feliz.

Tal e qual é o Cristo, que para vencer esta infelicidade no homem, assumindo sua condição, não poderia ser isento da própria morte – “sem enfraquecer a dignidade do Verbo, mas desposando a fraqueza da carne” – para dar a imortalidade aos mortos e por isto mesmo não deveria permanecer seu cativo – “e não permaneceu mortal na carne, porque ressurgiu dos mortos”²⁶. Nisto se dá que a mediação reúne a morte temporária e a glória perene, de maneira que, unido ao homem no profundo da morte que passa, pudesse convidá-lo ao que não se finda.

Importa destacar que Cristo não é conciliador por ser propriamente Verbo, pois imensurável bem-aventurança está distante dos ínfimos mortais. Faz verdadeira mediação por sua encarnação, escolhendo assumir o que é da criatura, associa-lhe ao que é sublime: “É mediador por ser homem. Dignando-se associar à nossa humanidade, nos associa pelo caminho mais curto à sua divindade. (...) Ele, que no céu é a própria vida, é na terra o caminho da vida”²⁷. Nesta reflexão muito enriquece o texto de *Filipenses*: “Ele, estando na forma de Deus, se despojou. Tornando-se semelhante aos homens. Tornando-se obediente até à morte sobre uma cruz”²⁸. É este o sacrifício salvífico, de um Deus que se aniquila de sua

²⁵ CD (I), IX, XV, p. 458

²⁶ Ibid., p. 459

²⁷ Ibid., p. 460

²⁸ Cf. Fl 2, 6-8

condição, se encarna e assume a fraqueza da humanidade numa oferta cruenta, para que, por mediação deste sacrifício, vencesse a morte e salvasse o homem, dando-o a vida.

Com a má compreensão do que se acabara de dizer, poder-se-ia cair no equívoco de negar Cristo como princípio salvífico por se fazer carne, maneira pela qual se reveste para o sacrifício expiatório, e mistério inalcançável pela soberba que a própria humildade do verdadeiro salvador destrói. Cristo mostra-nos na verdade que não é a natureza ou a carne um mal no homem, mas somente o pecado. E exatamente por não ter morrido por pecado, pôde salvar-nos dos pecados.

Entretanto, assimilar tal encarnação, não pode significar que o princípio que renova e purifica a natureza humana é a própria carne, logo que “a carne não purifica por si mesma, mas pelo Verbo, que a tomou quando o ‘Verbo se fez carne e habitou entre nós’ (Cf. Jo 1,14)”²⁹. Com isso, Agostinho firma Cristo como princípio de purificação e renovação da natureza humana: toma-a em sua encarnação e a salva, pois agora é justa e sem pecado.

Não era a natureza humana propriamente quem mantinha inimidade com Deus, mas os pecados; os homens seus inimigos ao passo que permaneciam escravos do pecado. Quem poderia salvar de determinada escravidão? “Só Ele, que a não teve, é que liberta dela, pois só ele veio revestido da carne, sem pecado”³⁰. Daí que permaneceriam escravos e inimigos se não salvos pelo mesmo do qual se tornaram adversários. Não se daria qualquer reconciliação sem se retirar o que estava no meio, o pecado, e ser mediação o justo que reconcilia e cura.

Novamente relacionando, na antiga lei seu sacrifício salvífico era prefigurado em Moisés ao levantar no deserto a serpente de bronze³¹, a fim de curar àqueles que a ela olhassem do periclitamento consequente das mordeduras das serpentes. Cristo mesmo, própria Verdade, que faz devida relação: seria o Filho do homem também reerguido para que o crente não pereça³².

As mordeduras, que representavam os pecados, eram curadas com o olhar à serpente erguida, que representava a morte no madeiro da cruz. Significa dizer: do mesmo modo que olhar para a serpente de bronze salvaria do padecimento pelas

²⁹ CD (I), X, XXIV, p. 513

³⁰ Com. Ev. S.J. (Vol. III), XLI, 5, p. 144

³¹ Nm 21,4-9

³² Cf. Jo 3,14-15

serpentes, assim, olha-se para Cristo morto no sacrifício da cruz, a fim de que, salvo, o homem não morra.

3.3 A PARTICIPAÇÃO DO HOMEM NA SALVAÇÃO

Tem-se, pois como fruto da mediação a não permanência eterna na morte da carne, libertação da qual Cristo teve de realizar. Com efeito, os homens que outrora viviam numa tamanha separação da relação com Deus, conseqüente da corrupção do pecado, são agora conciliados à salvação e vitória sobre a morte ao olharem o Cristo elevado no madeiro, e como pela serpente de bronze vencer o veneno, por Ele vencer o pecado e a morte.

Tão longe dos mortais estava o imortal, dos mutáveis o imutável, dos pecadores o justo, dos infelizes o feliz! E, naturalmente, fixou a meta de nossos desejos, ser imortais e felizes, permanecendo Ele bem-aventurado e assumindo o mortal, e, para dar-nos o que amamos, ensinou-nos, padecendo, a desprezar o que tememos³³.

O olhar ao Cristo não é passivo ou isento de qualquer outra atitude, ao contrário, aceitar a salvação leva a um caminho de progressão na perfeição por meio da mortificação da carne. O ensinamento que Cristo dá ao se vestir da natureza humana sem se despir da divindade, é para que se perca o que se tem de pecado, conservando o que há de bom na natureza, unindo-se assim à sua imortalidade e justiça.

Os homens, de fato, temiam mais o castigo (a morte) do que a sua causa, o pecado. Não havia grande interesse em não pecar, mas inúmeros esforços para impedir a morte. O Salvador mostra que não se deve temer a morte, visto que dela não se pode fugir por conta daquela que é a condição da natureza humana, mas que se deve temer o pecado e livrar-se pela força da fé.

A dinâmica é, isto posto, passar do velho homem ao homem da graça, por Cristo. Passagem que não se chega sem percorrer os combates entre a carne e o espírito, que não teriam lugar se o homem, ao uso do livre-arbítrio, se conservasse na retidão quando fora criado. Apesar deste mal, é melhor do que a condição anterior do homem, nas palavras de Agostinho: “Melhor é, digo, a guerra com a

³³ CD (I), X, XXIX, p. 523

esperança da vida eterna que o cativo sem esperança de liberdade”³⁴.

Reforçando o Santo, o fato de ser preferível sempre a luta para alcançar aquela que é a salvação dada por Cristo, a ceder aos vícios. Portanto, a crucificação do homem se dá por sua dor da penitência e pela conveniente mortificação até o quanto lhe for preciso, e por ela o pecado é destruído e a remissão sobreposta.

Para que não se perdesse a esperança, o próprio Cristo precede na ressurreição como Cabeça, precisando uma unidade com a criatura não só na crucificação, mas também na ressurreição pela fé. Assim deve ser o caminho do cristão: purificados pela fé e reconciliados com Deus, unir-se ao Único e permanecer no Único Mediador³⁵.

Uma vez que esta união com o Mediador da vida conduz à salvação, é possível dela se afastar pelo mediador da morte, o demônio. O demônio, com sua soberba, leva à ruína aquele que também o é; ao passo que Cristo, humilde e obediente, reconduz o homem humilde e obediente.

Com o seu orgulho, o demônio, em sua queda, carrega consigo todos os que o escutaram, já Cristo “humilhado ressurgiu e ergueu o que nele depositou fé”³⁶. Pelo orgulho, o príncipe da morte mantém o homem dominado, mais desejoso de poder do que de justiça. Enganando-o e envaidecendo-o com falsas filosofias, cultos sacrílegos, artes mágicas, ritos e prodígios ilusórios. Tudo para distanciar da relação com o divino pelo autêntico culto e glorificação ao Deus verdadeiro, que é oferecido não pelo homem do pecado e da morte, mas pelo homem redimido, assunto abordado no próximo capítulo.

³⁴ CD (II), XXI, XV, p. 597

³⁵ Trin., IV, 7, p. 161

³⁶ Trin., IV, 10, p. 163

4 O VERDADEIRO CULTO

Tendo transcorrido o tema do sacrifício e, conseqüentemente, da salvação, se advertiu da possibilidade do engano e distanciamento de Deus por influência de feitos malignos. Com isso, vale indicar algo a mais a este respeito, a fim de que, desperto do mal dos falsos cultos e ilusões, possa o homem chegar àquele que é o verdadeiro culto a Deus, e oferecer com a própria vida o incenso que apraz ao coração do Senhor.

4.1 FALSOS CULTOS: ADORAR À CRIATURA MAIS QUE AO CRIADOR

Não é difícil aos espíritos malignos suscitar a admiração das almas, até mesmo das mais nobres. Isto porque são capazes de, por suas ações além-corpóreas, iludir os homens, fazendo-os lamentar de sua incapacidade dos mesmos feitos e cultuarem os demônios ou “deuses” como superiores.

Tudo aquilo que se vincula aos falsos cultos (imitações sacrílegas, ilusões, consagrações mágicas) não é capaz de purificar as almas, como não reconcilia com Deus. Logo que o falso mediador por meio de uma sedução soberba e perversa atrai para si as almas, e não as eleva para o divino, e exatamente por isso são cultos falsos.

Adverte o bispo de Hipona: “Esses atrativos não fortalecem as asas das virtudes para que possam alçar o voo, mas antes carregam sobre elas o peso dos vícios para submergi-las, o que há de arruiná-las tanto mais seriamente quanto mais elevadas se consideravam”³⁷. Entende-se daí que se deve cultuar a Deus não pelo rei soberbo, mas pelo Rei humilde, deixando-se conduzir como foram os magos pela estrela a adorar o Senhor em sua humildade³⁸.

Ademais, na obra *Confissões*, Agostinho faz referência, partindo do mesmo princípio de presunção, aos que se apoiam em falsas doutrinas e cultos por considerá-los mais sublimes. Com isso, mesmo que conheçam a Deus, não rendem a Ele glória como Deus, mas se perdem em vãos discursos: os quais “proclamando-se sábios, na realidade tornam-se estultos”³⁹.

³⁷ Trin., IV, 12, p. 165

³⁸ Cf. Mt 2,1-12

³⁹ Confiss., VII, p, p. 184

Consequência de tais razões fora reduzir a glória do Deus incorruptível em ídolos e imagens de todo tipo, trocando a verdade divina pela mentira, adorando e servido à criatura em lugar do Criador⁴⁰. Tomado pelo engano e vazio, permanece insensato e nas trevas o coração humano, enquanto não abandonar os deuses dos gentios, imundíssimos e soberbos demônios, e se deixar tomar pelo convite do Senhor em Mt 11, 29: “Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas”.

4.2 O CULTO VERDADEIRO

Se aqueles que se deixam levar por pensamentos errôneos, glorificassem e rendessem graças ao verdadeiro Deus, confessariam sem qualquer dúvida ser o único que deve ser adorado pelos espíritos bem-aventurados, como pelos homens, para se tornarem bem-aventurados e imortais.

Somente a Ele deve ser dado o verdadeiro culto. Ele que encontra em cada um individualmente ou na comunhão dos homens seu templo, habitando tanto na unidade quanto em cada qual, não sendo maior no todo do que em cada fiel, visto por própria natureza, não se reduzir a extensão ou divisão.

Quando o homem não nega a sua redenção, mas ao contrário eleva sua alma ao encontro de Deus, seu coração é o seu altar, oferta por intermédio de Cristo, Sacerdote e Vítima. Dito sobre o coração como altar, o que dizer a respeito de outros elementos presentes no culto como as vítimas sangrentas, incenso e o que ofertar? Agostinho responde com o martírio e a alma que se consome em Deus:

Imolamos-lhe vítimas sangrentas, quando combatemos até o derramamento de nosso sangue por sua verdade; queimamos perante ele o mais suave incenso, quando, em sua presença, piedosa e santa flama nos consome; oferecemos-lhe os benefícios que nos fez e nós mesmos e voltamo-nos para Ele⁴¹.

Para não se deixar perder em nós tais benefícios, pela ingratidão do esquecimento, dias marcados são sagrados em memória. O Doutor demonstra também o quanto se deve prestar culto a Deus não só pelos atos exteriores, mas o homem mesmo deve ser uma oferta.

⁴⁰ Cf. Rm 1,25

⁴¹ CD (I) X, III, p. 480

É unânime pensar que todos os homens querem a felicidade, alcançada quando em conformidade com o bem, do qual o santo autor diz não ser outra coisa se não estar unido a Deus, fonte de nossa felicidade e fim de nossos desejos⁴².

A este bem é que o homem deve amar inteiramente e com todas as forças. E quem ama a si mesmo, não pode querer outra coisa que não ser feliz, que não estar unido a Deus. Da mesma maneira, quando lhe é prescrito amar o próximo como a si mesmo⁴³, não pode favorecer ao outro coisa diferente do bem, da felicidade, conseqüentemente da união e amor a Deus.

“E o que é o culto de Deus, senão o amor de Deus?”⁴⁴. Portanto, determinado movimento de busca do bem, da felicidade que é a união e amor a Deus é o verdadeiro culto e verdadeira religião. É por isso que o homem que “não rende culto a Deus, é miserável, porque se priva de Deus”⁴⁵.

Diante de tal lógica, Cristo, o mais perfeito sacrifício e mais perfeita oferta de si, permanecendo um com o Pai, faz dos homens, por Ele, também partícipes desta comunhão⁴⁶. É por Ele também, verdadeira e perfeita vítima e sacerdote, que o homem é convidado a oferecer o verdadeiro e perfeito culto a Deus, conforme dito: “Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou”⁴⁷. Não sendo possível render culto ao Pai se não unido ao Filho, que é Deus com o Pai. O que, como dito no comentário ao evangelho de João⁴⁸, é uma verdade que constitui objeto de fé.

Sendo Cristo verdadeiro e perfeito culto, em sua vinda deu pleno cumprimento aos ritos antigos e instituiu outros mais úteis para seus filhos, povo duro e dado à carne, mas chamados à liberdade, agora que o domínio da escravidão foi rompido⁴⁹. É por isso que, unido ao sacrifício de Cristo, chamado à penitência do coração, e acolhendo a sua redenção na busca pelo homem novo, adversário do homem da carne, o homem é capaz de render a Deus o devido culto.

⁴² Ibid.

⁴³ Mt, 22,39

⁴⁴ Trin., XII, 14, p. 387

⁴⁵ CD (I), X, III, p. 481

⁴⁶ Cf. Jo 17,21-23

⁴⁷ Jo 5,23

⁴⁸ Com. Ev. S.J. (Vol II), XXI, 16, p. 138

⁴⁹ RF, 19,13

4.3 O CULTO DO HOMEM: GLORiar-SE NO SENHOR

Tendo por culto interior esta oferta permanente de si a Deus por amor, o sacrifício é tudo aquilo que é feito para morrer para o mundo e viver unido a Deus – como já mencionado quando tratado o sacrifício de modo específico.

Paulo exorta a este respeito: “que ofereçais vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual”⁵⁰. Para dizer do culto do homem como uma constante busca da vontade de Deus e do sacrifício que Lhe agrada, que em suma abarca o próprio homem, “mistério que a Igreja também celebra no sacramento do altar, em que mostra que se oferece a si mesma na oblação que faz”⁵¹. Isto atestando que o verdadeiro culto se dá ao oferecer-se como vítima por Cristo a Deus.

De fato, pelo sangue do Cordeiro, os membros de Cristo são libertos das presas do maligno, o mesmo que tenta seduzir para falsos cultos, e unidos ao corpo de Cristo, único meio para o real culto.

Deste modo, fiel a si mesmo, o Senhor se coloca próximo daquele que, unido a Cristo, se faz humilde e se humilha no coração, ao passo que aos soberbos “assiste-lhes tanto menos quanto mais altos se consideram”⁵². Aquele que não é capaz de compreender a humilhação de Cristo, é incapaz de humilhar-se enquanto pecador e reconhecer a grandeza de Deus em sua misericórdia. Igualmente não é capaz de diminuir a própria glória para que cresça em si a glória de Deus, como exorta o Apóstolo: “O que se gloria, glorie-se no Senhor”⁵³. Demonstrando o quanto cresce a glória de Deus no seu povo à medida que cresce o verdadeiro culto pela união no amor e no conhecimento de Deus mesmo.

Em outra passagem, Paulo também sobre a glória do Senhor no homem, relata que aquele que a contempla é transformado nesta mesma imagem⁵⁴, que é a mesma de Deus. Há uma recriação, pois ao que havia uma aparência escura pelo pecado, passa a resplandecer uma luz: “Essa natureza, a mais perfeita entre as coisas criadas, quando justificada da impiedade pelo seu Criador, despe-se de sua

⁵⁰ Rm 12,1

⁵¹ CD (I), X, VI, p. 486

⁵² Com. Ev. S.J. (Vol. I), XV, 25, p. 409

⁵³ 1Cor 1,31

⁵⁴ 2Cor 3,18

deformidade e reveste-se de formosura”⁵⁵, e por esta renovação rende louvor a Deus.

Vale ainda uma última consideração para lembrar que esta colocação não significa uma ilusão de uma vida sem sofrimento. A glorificação a Deus pode seguir o exemplo da morte, e ser vítima de sangue pelo martírio como mencionado anteriormente. Deste modo, como aconteceu, entre outros, com Pedro, que pelo martírio “com sua morte havia de glorificar a Deus”⁵⁶.

Um exemplo de muitos que tomados pelo amor a Deus unidos de tal modo ao sacrifício de Cristo, venceram o mundo. Não desejam louvores a si, senão que os louvores sejam Àquele que louvaram com a vida: “No Senhor são louvadas suas almas”⁵⁷. Cristo que glorifica o Pai em sua paixão e ressurreição, também o glorifica “nos sofrimentos a que estão submetidos os seus servos”⁵⁸. Assim, pode-se acentuar que o homem eleva-se do que é humano ao divino, e presta-lhe o genuíno culto quando prefere unir-se à vontade de Deus do que à vontade humana, em tudo e ao máximo que lhe for preciso.

⁵⁵ Trin., XV, 8, p.499

⁵⁶ Jo 21,17

⁵⁷ CD (II), XX, X, p. 653

⁵⁸ Com. Ev. S.J. (Vol. III), LII, 3, p. 367

CONCLUSÃO

A partir da pesquisa realizada, dentre as considerações a que se possa chegar está a ligação existente entre os três principais termos do tema: sacrifício, salvação e culto. Sobretudo porque os três se relacionam à pessoa de Jesus, e por Ele, todos ganham sentido.

O sacrifício Antigo não realizou a verdadeira libertação do homem porque lhe careciam os elementos mais dignos de um verdadeiro sacrifício, sacerdote e oblação, que fossem aptos para romper a forte escravidão do pecado e da morte. Cristo, por sua vez, reúne estes elementos em si, e se faz oferta perfeita e expiatória por não possuir pecado algum, para que o homem não seja entregue ao poder da morte, mas para que viva.

Ao se fazer homem, no entanto permanecendo Deus, opera a mais digna mediação e, por isso, em sua encarnação, é mediador de salvação; como por ser Deus é princípio de purificação e renovação da natureza humana.

Sendo verdadeira vítima e oferecendo o perfeito sacrificio, bem como por ele realizando legítima libertação dos homens, levando-os a Deus, é autor também do verdadeiro culto ao Senhor: que é a elevação do humano ao encontro com o divino.

Em todo esse movimento o mesmo homem, objeto do amor de Deus, é convidado a unir-se ao sacrifício de Cristo, em si pela penitência do coração e mortificação do corpo e da alma.

Por esta mesma luta é chamado a aceitar a salvação realizada pelo Mediador em si, na batalha contra o homem velho, não se permitindo conduzir pelo Mediador da morte. Desta forma, na constante busca por responder a este amor de Deus e permanecer unido ao seu Senhor, glorifica-O em sua vida, tornando-se culto espiritual.

Nas linhas deste feito embasado em Santo Agostinho é possível encontrar uma segura reflexão espiritual. E aquele que entende este mistério de um Deus que se faz sacrifício para salvá-lo é capaz de oferecer-se a este Senhor e buscar glorificá-lo, ainda que com o derramamento da própria vida como fizeram os mártires. Mas ao homem, que permanece no uso de sua faculdade de livre-arbítrio, cabe aceitar tudo o que lhe é proposto e ser sacrifício, ser salvo e ser culto; ou deixando-se enganar permanecer no pecado e na morte eterna.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *De Civitate Dei – A Cidade de Deus*: Contra os pagãos. Parte I. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014 (Vozes de Bolso).

_____. *De Civitate Dei – A Cidade de Deus*: Contra os pagãos. Parte II. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014 (Vozes de Bolso).

_____. *De Trinitate – A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Carta 102**. Disponível em: <http://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>. Acessado em: 13 fev. 2022

_____. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. **Evangelho de S. João Comentado por Santo Agostinho**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. Vol. I.

_____. **Evangelho de S. João Comentado por Santo Agostinho**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. Vol. II.

_____. **Evangelho de S. João Comentado por Santo Agostinho**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1960. Vol. III.

_____. **Réplica A Fausto, El Maniqueo**. Disponível em: http://www.augustinus.it/spagnolo/contro_fausto/index2.htm. Acessado em: 11 abr. 2022.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.